

BÍBLIA E TEOLOGIA POLÍTICA

Escrituras, tradição e emancipação

Jimmy Sudário Cabral



Copyright © by Jimmy Sudário Cabral, 2009

Direitos desta edição reservados à
MAUAD Editora Ltda.
Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar
Lapa — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20241-110
Tel.: (21) 3479.7422 — Fax: (21) 3479.7400
www.mauad.com.br

em coedição com o
Instituto MYSTERIUM
Rua Pereira de Almeida, 7/1201
Praça da Bandeira – Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20260-100
Tel.: (21) 2502-4821

Projeto Gráfico:
Núcleo de Arte/Mauad Editora

Revisão:
Bárbara Mauad

Tradução do espanhol (texto de Jorge Pixley – 4ª capa):
Luiz Longuini Neto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C119b

Cabral, Jimmy Sudário

Bíblia e teologia política : escrituras, tradição e emancipação / Jimmy Sudário Cabral. - Rio de Janeiro : Mauad X : Instituto Mysterium, 2009.

(Teologia para quê? ; v.4)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7478-303-1

1. Bíblia - Hermenêutica. 2. Ideologia. 3. Teologia da libertação. 4. Religião e política - América Latina. I. Instituto Mysterium. II. Título. III. Série.

09-3737.

CDD: 220.601

CDU: 27-277.2

Para Jonas Rezende

Agradecimentos

A minha família e queridos amigos.

*À Igreja Batista no Recanto do Bosque, em Goiânia,
e à Igreja Cristã de Ipanema, no Rio de Janeiro, que
viveram comigo intensamente a dor e a alegria de lutar
contra tradições e hierarquias que nos impedem de viver
honestamente a liberdade que pressentimos em Deus.*

*Aos mestres e amigos Edson Fernando de Almeida,
Haroldo Reimer, Ivoni Richter Reimer, Luiz Longuini Neto
e Osvaldo Luís Ribeiro.*

*À Maria Clara Luchetti Bingemer, pela confiança e
gratuidade.*

*Pois é [...] mas ajudar, podes, Ajudar a quê, A alargar a minha influência, a ser deus de muito mais gente [...] passarei de Deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega, E qual foi o papel que te reservei no meu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé... E a minha morte, será como, A um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva, Não estejas com rodeios, diz-me que morte será a minha, Dolorosa, infame, na cruz,... Me digas quanto de morte e de sofrimento vai custar a tua vitória sobre os outros deuses, com quanto de sofrimento e de morte se pagarão as lutas que, em teu nome e no meu, os homens que em nós vão crer travarão uns contra os outros... Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai, afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero esta glória, Mas eu quero este poder... Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima de sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu filho amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe a lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. [J.Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1991, p.370, 371, 380, 391, 444].*

SUMÁRIO

PREFÁCIO – Haroldo Reimer	9
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – BÍBLIA, TRADIÇÃO E COLONIZAÇÃO	21
1.1 O LÓCUS HERMENÊUTICO DA TRADIÇÃO CRISTÃ OCIDENTAL CLÁSSICA	22
1.1.1 Tradição sacerdotal judaica e tradição cristã ocidental	24
1.1.2 Sacerdócio e autoridade na cristandade patrística	25
1.1.3 Deus, pecado, tradição e poder político – Tertuliano e Santo Agostinho	28
1.1.3.1 A “ <i>regula fidei</i> ” de Tertuliano	29
1.1.3.2 A “ <i>hermenêutica auctoritas</i> ” e “ <i>universal</i> ” de Agostinho	32
1.1.4 A cristandade medieval e as colonizações: a formação de uma identidade	43
1.2 A CRUZ E O HOLOCAUSTO – COLONIZAÇÃO DO CORPO E DO IMAGINÁRIO INDÍGENA E AFRICANO: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA	51
CAPÍTULO II – EMANCIPAÇÃO E CULTURA PÓS-COLONIAL NA AMÉRICA LATINA: A GÊNESE DE UMA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO COMO CRÍTICA DAS TRADIÇÕES E DAS INSTITUIÇÕES	61
2.1 GERMES DE UMA CULTURA PÓS-COLONIAL NA AMÉRICA LATINA	62
2.2 EMANCIPAÇÃO E CULTURA PÓS-COLONIAL NA AMÉRICA LATINA: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	66
2.3 O MOVIMENTO BÍBLICO LATINO-AMERICANO: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E CRÍTICA DAS TRADIÇÕES NA AMÉRICA LATINA	86
CAPÍTULO III – A BÍBLIA À MERCÊ DA HISTÓRIA: O LÓCUS HERMENÊUTICO DA MODERNIDADE	93
3.1 RENASCIMENTO E REFORMA: PISTAS DE EMANCIPAÇÃO	95
3.2 A CRÍTICA HISTÓRICA DAS TRADIÇÕES EM BARUCH ESPINOSA – O TRATADO TEOLÓGICO POLÍTICO	105
3.3 A AFIRMAÇÃO DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO	111
3.4 A EXEGESE MODERNA DIANTE DO PROBLEMA HERMENÊUTICO E AS POSSIBILIDADES DO CONHECIMENTO HISTÓRICO	115

CAPÍTULO IV – BÍBLIA, TRADIÇÃO E LIBERTAÇÃO:	
O LÓCUS HERMENÊUTICO LATINO-AMERICANO	125
4.1 PAUTAS PARA UMA HERMENÊUTICA BÍBLICA LATINO-AMERICANA DA LIBERTAÇÃO: O LUGAR HERMENÊUTICO DA PESQUISA BÍBLICA LATINO-AMERICANA	127
4.2 ÉTICA E POLÍTICA DA INTERPRETAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE UMA HISTÓRIA SOCIAL DOS TEXTOS BÍBLICOS	130
4.3 DA PERIFERIA DO MUNDO PARA A PERIFERIA DOS TEXTOS: HERMENÊUTICAS LATINO-AMERICANAS EM CAMINHOS DE LIBERTAÇÃO	142
4.3.1 Escovando a história bíblica a contrapelo – Milton Schwantes e a memória histórica dos empobrecidos	146
4.3.2 Política e manipulação teocrática: o exemplo do Deuteronomio e a OHD (obra historiográfica deuteronomista) e o escrito sacerdotal (P)	154
CONCLUSÃO	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
NOTAS	181

PREFÁCIO

“O gesto da hermenêutica é um gesto humilde de reconhecimento das condições históricas a que está submetida toda compreensão humana sob o regime da finitude. O da crítica das ideologias é um gesto altivo de desafio, dirigido contra as distorções da comunicação humana”. Com essas palavras, Paul Ricoeur, em sua obra *Interpretação e ideologias* (Rio de Janeiro, 1983, p. 131), procura descrever, resumir e situar o longo e rico debate acerca da relação entre hermenêutica e crítica das ideologias, protagonizado por Hans Georg Gadamer e Jürgen Habermas nas décadas de 1960-70. O trabalho de Jimmy Sudário Cabral, condensado nas páginas a seguir, traz traços dessa discussão, à medida que reconhece, com humildade, que construtos teóricos ou tradições irrompem a partir de condições humanas de compreensão e interpretação, e, uma vez construídos, necessitam de constante interpretação. Aí ele caminha com Gadamer. Altivamente, porém, seu texto comunga do interesse por emancipação através da crítica das ideologias contra a subserviência à tradição, entendida como autoridade ao longo dos séculos. Aí ele se insurge com Habermas.

Na sua origem, enquanto dissertação de mestrado, defendida em 2008 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, o trabalho trazia um título que, por sua extensão, remetia à tradição medieval: *Contra toda a autoridade e hierarquia – Bíblia, tradição e hermenêutica da libertação na América Latina*. No entanto, já nas primeiras palavras, irrompe o tom desafiador de quem se levanta para protestar e lutar com um arsenal de palavras, devidamente preparado na forja das ciências críticas. Na sua versão atual, o trabalho mantém essa ascendência híbrida com o título *Bíblia e teologia política – Escrituras, tradição e emancipação*.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, que evidenciam uma arquitetura espacial e temporal interessante, conduzindo leitor e leitora por deslocamentos espaciais e temporais consideráveis.

O primeiro capítulo (Bíblia, tradição e colonização) apresenta traços de uma arqueologia do conceito de “tradição”. Remete a elementos e estruturas fundantes da tradição judaico-cristã ocidental. Mostra como no reduzido recorte espacial do antigo Israel foram forjados elementos de dominação personificados na figura

dos sacerdotes e institucionalizados nos santuários, construtores de um discurso que prevê o caminho da salvação passando pela central religiosa, o santuário. Deus, pecado, tradição, vestimentas do poder político em uma estrutura social teocrática, são temas que, como que por meio de um salto por sobre a distância temporal, têm sua continuidade temática na Patrística, com figuras como Tertuliano e Agostinho. Estes são vistos como configuradores de um discurso capaz de munir e subsidiar ideologicamente as estratégias de colonização do corpo e do imaginário ao longo da Idade Média, e, por força dos avanços tecnológicos e da distensão espacial do mundo euro-ibérico, veio a aportar nas praias tupiniquins a bordo das caravelas cabralinas.

O capítulo dois realizou a proeza da hermenêutica romântica de fazer o salto pela distância histórica e descreve em tons fortes passos de emancipação e de cultura pós-colonial na América Latina, remetendo à gênese de uma teologia da libertação como crítica das tradições e das instituições. Esse capítulo é descritivo. Esboça o contexto no qual se desenvolve o movimento de leitura popular da Bíblia como um processo, no seio do qual se dá a construção de um novo discurso marcado a partir da percepção da diferença cultural em seu processo enunciativo. Sendo descritivo, o capítulo esboça o contexto, sugere fronteiras e apresenta atores sociais. Ao vincular o movimento de leitura popular da Bíblia ao tópico “crítica pós-colonial”, o autor já indica uma temporalidade da nova discursividade: trata-se da emergência da crítica ao sistema de colonização de corpos e imaginário capitaneado pelo projeto colonizador eurocêntrico ao longo dos séculos. Essa crítica é protagonizada por sujeitos que, pela linguagem, se sabem inseridos na discursividade eurocêntrica clássica, mas promovem uma ruptura, fazendo emergir um “outro”, que se expressa a partir dele mesmo.

O capítulo três trata de “Bíblia à mercê da história”, procurando situar o lócus hermenêutico da Modernidade. Aqui aflora o que, na reconfiguração pela pena deste Cabral, não pôde vir ao espaço tupiniquim a bordo das caravelas do outro Cabral por conta da barreira católica ibérica: a crítica histórica da própria tradição, especialmente em sua vertente protestante. Nesse capítulo, em sua primeira redação, que pude acompanhar na feliz condição de orientador, a gênese da crítica histórica da Bíblia estava situada em Spinoza, com sua crítica à tradição judaica reconfigurada na política teocrática do contexto holandês do século XVI. Alguns diálogos lograram a inclusão da Renascença e da Reforma na árvore genealógica da vertente histórico-crítica, resguardando certo protagonismo a Lutero e a Erasmo, ainda que ambos tenham permanecido presos ao esquema teológico medieval. Porém, estão no umbral. Contudo, por conta da significativa contribuição da tradição protestante ao movimento de leitura da Bíblia, fomentado no Brasil nas últimas décadas, o trabalho não poderia pecar

por omissão completa a esses pensadores das últimas horas da Idade Média e dos primeiros raios de novos tempos. Salvaguardada essa homenagem genealógica à Renascença e à Reforma, com razão, o autor se detém na descrição cronológica e histórica do desenvolvimento de um método histórico e crítico aplicável à leitura dos textos fundantes do judeu-cristianismo ocidental, a Bíblia. Desfilam nomes memoráveis nessa árvore genealógica do pensamento acadêmico crítico, situados, em geral, na fronteira entre teologia e ciências humanas em geral. O autor vai mostrando, ao longo de sua narrativa descritiva, como, o mais tardar, no século XIX, por meio do manejo do método histórico-crítico, a exegese ou a leitura da Bíblia toma um caminho próprio, de certa forma, emancipado do fazer clássico platônico-medieval da teologia.

Com este esboço de reconstrução arquitetônica do método histórico-crítico em sua tendência de emancipação enquanto possibilidade de conhecimento histórico, Jimmy Sudário adentra o capítulo quatro de sua obra, buscando demarcar o lócus hermenêutico latino-americano da leitura da Bíblia, destrinchando a enodada relação entre Bíblia, tradição e libertação. Bem reconhece o autor que a interpretação nunca é um processo que se dá de forma supra-histórica, mas sempre é mediada por historicidade e, assim, por temporalidade. O movimento latino-americano de leitura da Bíblia pode ser situado no contexto de um processo de interpretação pós-colonial, à medida que, nestes exercícios de leitura de textos antigos, procura-se reconfigurar a intrincada relação entre Bíblia, tradição e libertação, fazendo emergir um “outro”, com sua identidade própria, capaz de confrontar a identidade do dominador. Na América Latina, no campo do desenvolvimento da teologia a partir do final das décadas de 1960, percebe-se uma tendência de sintonia com a voz dos pobres. Trata-se de “ouvir o povo pobre”, como ressaltava Gustavo Gutierrez, num caminho de aproximação, com o fito de superação da própria condição de subalternidade desta classe sofrida por meio de processos de emancipação e libertação. A interpretação bíblica latino-americana da libertação, portanto, está imbuída de pretensão ética e política. Eticamente, trata-se de exercícios de solidariedade com as pessoas socialmente empobrecidas e oprimidas, fazendo ecoar palavras antigas da tradição profética hebraica, com denúncias contundentes e anúncio de ruptura de situações dadas. Politicamente, trata-se da construção de um discurso alternativo que, tomando a sério a diferença cultural, projeta os interesses do povo pobre, fazendo emergir o pobre latino-americano em sua alteridade. Disso resultam, pelo menos, duas consequências: primeiro acontece um empoderamento das condições históricas dos empobrecidos; em segundo lugar, dá-se a visibilização do outro historicamente negado, agora representado em um discurso que permite a contraposição de identidades e interesses que clamam por negociação relacional.

De uma riqueza toda especial, é um tópico no capítulo quatro, que trata da metodologia histórico-social da leitura bíblica latino-americana, que está muito bem representada no título “Da periferia do mundo para a periferia dos textos”. Aí está destacado, em traços rápidos, porém fortes, o modo como o interesse social pela emancipação dos pobres e a construção de uma sociedade melhor estruturada em termos de justiça lança a boia ou a isca da hipótese para os textos do passado, que, contudo, formam parte da tradição autoritativa. A partir dessa “simpatia” representada no interesse do conhecimento, os fios ou os rastros de uma história de opressão e libertação na base de textos bíblicos podem ser perseguidos e tecidos no sentido de uma reconstrução histórica interessada. Louvável e justa é a seleção do biblista luterano Milton Schwantes, ao lado de outros e outras biblistas, como exemplo de uma metodologia de leitura da Bíblia em que a memória histórica dos empobrecidos é resgatada a partir da análise da tessitura do próprio texto. O subtópico “Escovando a história bíblica a contrapelo – Milton Schwantes e a memória histórica dos empobrecidos” conecta esse procedimento interpretativo intencionalmente com pensadores da escola das ciências sociais críticas, nomeadamente com Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Em Schwantes, como sujeito autorizado e altamente capacitado para um diálogo crítico com a tradição da leitura eurocêntrica da Bíblia, há um deslocamento das macroestruturas textuais para as pequenas unidades de texto, as quais, por sua vez, remetem para as estruturas menores da sociedade, possibilitando, assim, a audição e a sintonia com vozes subalternas, porém de crítica e de emancipação em tempos antigos. Tal procedimento hermenêutico ajusta a emissão de um discurso que situa no tempo presente os anseios de emancipação e libertação de um passado, formando algo como uma fusão de horizontes. Essa fusão de horizontes se dá forma fragmentária, crítica, em relação à tradição como um todo, denunciando os desvios comunicativos por meio de mecanismos de coerção e manipulação da síntese entre teocracia e oligarquia que tanto marca a história do Ocidente cristão.

O presente livro de Jimmy Sudário Cabral, *Bíblia e teologia política*, constituirá uma leitura desafiadora e enriquecedora. Em suas páginas, na tessitura de frases, transparecerá a todo momento o interesse ativo por emancipação frente a uma tradição autoritativa e dominante. Nesse sentido, o texto de Jimmy Sudário tem sujeito. As frases se articulam no sentido de uma crítica de tradições e ideologias e auscultam o horizonte do presente em busca de heterotopias e projeção de possibilidades sem determinismos teoleológicos. O texto deste Cabral poderá ajudar a atravessar criticamente a força da tradição dominante que veio a bordo das embarcações de um outro Cabral, contribuindo

para a construção de um presente de solidariedade e de justiça nas incertezas do horizonte histórico na era da globalização e de reconfiguração do próprio capitalismo como grandeza fundacional de discursos. A leitura deste texto há de trazer sua contribuição para inauguração ou fomento de consciência crítica. Nesse sentido, tem razão Paul Ricoeur ao dizer: “Como leitor só me encontro, perdendo-me”.

Haroldo Reimer

Professor titular da Universidade Católica de Goiás.
Teólogo luterano. Bolsista de produtividade do CNPq.